

# Regime de Metas de Inflação na África Subsaariana: Por que Agora? De qualquer Modo, Por quê?

por Terry McKinley, Diretor do Centro para a Política de Desenvolvimento e Pesquisa da Escola de Estudos Orientais e Africanos, Londres

**Em Maio de 2007**, Gana adotou formalmente um quadro de metas de inflação para a sua política monetária. Isto significava que a estabilidade dos preços tinha-se tornado o principal objetivo do banco central. Gana é apenas o segundo país da África Subsaariana, depois da África do Sul, a adotar tal regime. A meta de inflação de Gana é de cinco por cento, enquanto África do Sul fica numa faixa de 3-6 por cento. Essas taxas baixas são comuns entre os países da região, mesmo aqueles sem regimes explícitos de metas.

Por que escolher tal regime de política? Especialmente quando a economia mundial paira à beira de uma desaceleração significativa (susceptível de ser desencadeada por uma recessão nos EEUU)? Este One Pager aborda estas questões.

Em 2002, o Banco de Gana começou a avançar em direção ao regime de metas de inflação, mas ainda continuou a administrar a taxa de câmbio - uma prioridade em países sujeitos a freqüentes choques externos. No entanto, o novo regime monetário de Gana exige concentração sobre a taxa de inflação, e não sobre a taxa de câmbio real. O regime de metas de inflação exige total flexibilidade da taxa de câmbio.

Além disso, o Ministro das Finanças tem de limitar a sua política fiscal, a fim de apoiar a meta de inflação do banco central. O FMI já incentivou Gana a adotar uma "lei responsabilidade fiscal", como um meio para assegurar uma disciplina orçamentária rigorosa.

Será que tal regime de política produzirá crescimento ou estabilidade dos preços? Não é provável. Suas chances parecem particularmente sombrias agora. Em 18 de março de 2008, o Banco Central anunciou um aumento da sua taxa de juro de primeira linha de 13,5 por cento para 14,25 por cento. No passado mês de Novembro, tinha subido esta taxa de 12,5 por cento em um ponto percentual cheio. Por quê?

A inflação em Gana esteve aumentando desde Outubro de 2007 (vide figura), impulsionada pelo aumento dos alimentos e dos preços do petróleo e aumentos de tarifas de serviços de utilidade pública. A taxa de inflação subiu para 13,2 por cento até ao final de fevereiro, um aumento de 30 por cento sobre o seu nível de outubro de 2007 e 2,6 vezes a sua meta de cinco por cento.

Está a África do Sul se saindo algo melhor? Em Janeiro de 2008, os seus preços de alimentos aumentaram em quase 14 por cento, com uma taxa significativamente maior para os alimentos importados. A inflação global já tinha ultrapassado a sua meta, aumentando quase nove por cento, cerca de um quinto mais elevada do que em outubro de 2007 (vide figura), e as mais elevadas desde 2003. O presidente do banco central apontou aumentos de alimentos e os preços do petróleo, combinados com as limitações de capacidade interna (por exemplo, escassez de eletricidade), como as forças motrizes.

Os aumentos de preços enfrentados por Gana e África do Sul - e por muitos outros países na África Subsaariana - são problemas do lado da oferta, na maioria impostos externamente. Eles não podem ser responsabilizados pela procura agregada interna excessiva. Mas políticos em ambos os países devem acreditar que este deve ser o caso quando eles recorrem a elevar os juros, a fim de conter a inflação. Esse endurecimento da política monetária não é aconselhável durante o começo de uma desaceleração mundial.

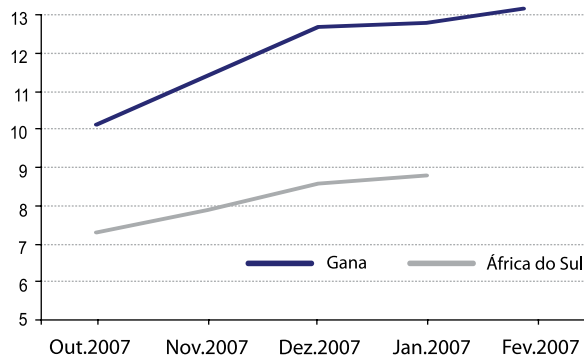
Gana é um grande exportador de cacau e ouro (cujos preços estão em alta), e espera produzir petróleo em poucos anos. No entanto, ainda opera com muito grandes déficits comerciais, felizmente cobertos pelas remessas e AOD<sup>i</sup>. A África do Sul também tem tido consistentemente grandes déficits comerciais (por exemplo, mais de sete por cento do PIB em 2007), financiados até agora pela entrada de capitais privados. Mas uma desaceleração mundial (combinada com a alta dos preços do petróleo e dos alimentos) poderia aumentar rapidamente esses déficits e tornar ainda mais difícil o seu financiamento.

Choques de termos de intercâmbio têm sido tão freqüentes e graves na região que o regime de metas de inflação está condenado ao fracasso, especialmente em economias cada vez mais abertas. Os recentes choques dos preços são susceptíveis de depreciar as taxas de câmbio, que, por sua vez, intensificarão as pressões inflacionárias. A depreciação do cedi de Gana já se intensificou no início de 2008. O rande sul-africano diminuiu, em valor, 14 por cento nos primeiros dois meses.

A alta dos preços dos alimentos já tem golpeado o poder de compra dos consumidores em Gana. E o recente salto nos preços do petróleo irá certamente tornar lento o crescimento em 2008 bem como fazer subir a inflação. Além disso, uma recessão estadunidense amortecerá, direta ou indiretamente, o crescimento das exportações de produtos primários de Gana. O impacto debilitante desses fatores combinados poderia se estender por muitos países da região.

A administração da taxa de câmbio vai tornar-se crítica, em resposta a esta iminente perturbação. Gana deverá concentrar-se na estabilização da taxa de câmbio real liberando as políticas fiscais para atenuar o investimento interno e consumo em face da intensificação dos choques externos que irão agravar acentuadamente os saldos comerciais, as perspectivas de crescimento e a pobreza generalizada.

#### Aumentos Recentes da Inflação em Gana e na África do Sul



#### Notas:

Publicado conjuntamente pelo CIP como um One Pager e pelo Centre for Development Policy and Research como um Development Viewpoint <[www.soas.ac.uk/cdpr](http://www.soas.ac.uk/cdpr)>.

i. AOD é o acrônimo brasileiro para "assistência oficial para o desenvolvimento", equivale a APD o acrônimo usual em Portugal e nos PALOP, para "ajuda pública ao desenvolvimento".